

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Artes

Departamento de Arte Dramática

Da Máscara ao Corpo:

No Porto da Dramaturgia Contemporânea

Orientando: Fábio Cuelli

Orientador: Mesac Roberto Silveira Júnior

Do Máscara ao Corpo: no Porto da Dramaturgia Contemporânea

Neste exercício de escrever entrarei em contato com as memórias que atravessam o meu corpo, com as que permaneceram e com as que me dão energia para reescrevê-las no objetivo de compartilhar a experiência de construir a dramaturgia do espetáculo Travessia – Uma commedia trágica com o uso da meia máscara expressiva.

Num Porto Passado

Âncora no passado histórico da humanidade, onde águas temíveis e desconhecidas banham o território habitado por seres de duas patas, dois braços, mãos e garras que prendem alimentos, percebem o movimento das marés, dos ventos, da terra e usam o fogo para sua proteção, unindo-os, uns aos outros. Os olhos registram as belezas acerca de suas experiências, mas também expressam as trevas que circundam seus passos. O corpo, em movimento, é levado a percorrer pelas imagens registradas na pele. Um fluxo de percepção das imagens constrói uma relação aos olhos de quem vê. Infiltra-se um julgamento conflituoso entre Razão e Instinto. Se afeta quem olha e é afetado quem provoca o olhar. Nesse encontro de acontecimentos geramos história, contamos o que nos passou, colocamos em discussão o que pode nos vir logo mais, e assim nos percebemos parte desse todo. Levantamos âncora e partimos para navegar no mar do teatro.

...Há uma viagem a ser feita em direção a elas. (...) A Relação com a máscara é uma relação de grandeza. Elas vêm de longe, de outro continente. (FÉRAL, JOSETTE, 2010 pág. 61)

Olhar Para as Ondas Formadas pela Passagem da Embarcação

Decidi embarcar para uma longa viagem rumo a Commedia dell'Arte em Veneza na Itália, no ano de 2012, fui inocente como uma criança curiosa e que não percebe os perigos da descoberta, fiquei encantado, como no conto das sereias que enfeitam quem as escuta. Neste porto vesti a meia máscara expressiva. Nessa experiência conheci algumas possibilidades de conhecer o corpo e suas lógicas de criação cênica com a máscara em suas diferentes abordagens e assim comecei a perceber que a dramaturgia é o resultado de um diálogo frequente com o corpo e a máscara.

Um Encontro na Beira da Ilha dos Questionamentos

Estava em Veneza no ano de 2012 com outros colegas, atores e atrizes italianas que realizavam sua formação, já estavam em seu segundo ano de *accademia*, direcionando-se ao terceiro. No intervalo entre o segundo e o terceiro ano de estudos eles realizam o curso de Commedia dell'Arte ministrado por Adriano Iurissevich, é um momento que a escola recebe estudantes de teatro de outras partes da Itália e do mundo, naquele ano estava eu e uma alemã. Começamos os estudos conversando sobre o que compreendíamos acerca da Commedia dell'Arte e qual era a imagem que esta palavra suscitava nos pensamentos de cada integrante do curso, aproveito para perguntar a você: Qual é a imagem que você têm em mente quando pensa na Commedia dell'Arte? Seguimos para os estudos e logo descobri que passaria por uma experiência que iria solicitar do meu corpo muita disponibilidade física, pois tínhamos oito horas de trabalho diários durante três semanas ininterruptas. Passamos três semanas nos preparando para uma apresentação ao término do curso. Este foi o início e a largada para que as dúvidas preenchessem a vontade de seguir em contato com a máscara, com o Adriano Iurissevich e desse desejo surgiu o espetáculo Travessia uma commedia trágica. Espero poder contar-lhes sobre esta experiência através da dramaturgia do espetáculo Travessia.

Avistar pelas Frestas da Embarcação a Infinitude do Mar

Tenho medo de destroçar a potencia das palavras e por isso não as uso pelo impacto literal, mas quando elas implicam em dar corpo ao que acontece nos sentidos. A imagem da palavra deve ser colocada em movimento e representar as relações possíveis entre o que é material e o que é construído pela nossa experiência. Construo a experiência pela observação, escuta e participação nos acontecimentos. Os caminhos que nos levam aos lugares do pensar e do refletir atravessam nossas vidas e me fazem perceber que sou parte do todo que acontece neste caos que é viver. Olhamos as experiências, sentimos as palavras e interagimos com as ideias que perpetuam a existência na terra, nossa finita e enclausurada existência. Tenho o corpo para chegar aos lugares da percepção, meus sentidos revelam o que posso salientar do mundo e percebo a partir do fato de simplesmente existir. Reconhecer a vida é um ato de existir, performar é um ato de unir a vida ao corpo e as nossas manifestações culturais já elaboradas e pensadas para serem honestamente usadas a favor daquilo que acreditamos e colocamos perante os nossos olhos e aos olhos dos outros. O teatro é para mim um ato de colocar na frente dos outros os meus sentidos, coloco minhas orelhas, meu nariz, minha boca, meus olhos e meu corpo em frente ao outro e encontro assim uma forma de nos unir com o que é mais apreensiva em minha existência, a presença. Entre nós existe o nada que compreende a nossa infinita razão de distância e não pertencimento, eu não pertenço ao outro, mas sou parte dele, não tenho necessidade do outro, mas desejo tê-lo.

Lembro-me de uma coisa curiosa quando a professora de matemática explicava sobre a reta numérica: “do número um até o número dois existe uma infinidade de números que os ligam”, a partir daí penso: seria o ato de definir o que é um e dois um ato brutal, uma decisão que impossibilita a relação do 1 com os outros tantos infinitos que existem até o dois? Quais são os espaços que foram sugados pela razão de ser? Até hoje nos conflitamos pela presença definida das coisas, seria a razão uma capacidade de esconder a vida que existe no infinito do 1 até o dois? Ainda não descobri, mas experimento ao longo desses anos a minha capacidade de perder o sentido do que é definido. Habita em mim uma nova sensação e a relação entre o 1 e o 2 e toda a sua infinidade só ganha espaço para ampliar o caminho de um para o outro, abrem-se janelas, portas e a vastidão que sinto é mesma que tenho ao olhar o horizonte na beira do mar, esta imagem ganha lugar na distância entre o 1 e o 2, há dimensão e possibilidades, experiências, o abstrato floresce e sai detrás do “1” e da sua imagem definida, dilui-se no ato de pensar sobre o “1”, escorregamos para o infinito, saltamos rumo ao dois sem se importar com a chegada.

Encontrar o que reside nesta infinidade entre um ser humano e outro sempre foi minha vontade de descoberta.

Quando se Ânasia pela Paisagem no Horizonte

Estava jantando com alguns colegas do grupo de Teatro Miseri Coloni quando chegamos ao assunto dos imigrantes recém-chegados na cidade de Caxias do Sul, alguns com proveniência do Haiti, outros do Senegal e levantamos na roda de conversas alguns comentários escutados na cidade e percebi naquela noite, para a minha surpresa, que Caxias do Sul, uma cidade que possui o monumento nacional ao imigrante, assustada com a presença dos imigrantes, com comentários xenófobos tomados de preconceito e racismo. A partir deste momento comecei a conversar com Cleri Pelizza, minha amiga, produtora teatral e atriz, para realizar um projeto de montagem teatral que contemplasse uma reflexão acerca do migrante. Cleri aceitou produzir, entrou de coração e de alma neste projeto. Para lhes apresentar a história do Travessia- Uma Commedia Trágica apresento os documentos e reflexões que registraram a construção desta experiência.

Travessia – Notas do Processo

O projeto que deu vida ao espetáculo Travessia – Uma commedia Trágica foi aprovado no Prêmio Anul de Incentivo a Montagem Teatral da Secretaria Municipal da Cultura da Cidade de Caxias do Sul no ano de 2015 nomeado Commedia dell’Arte

na Aldeia Global. Apresento a seguir a justificativa colocada no projeto escrita por Elaine Braguirolli a partir dos levantamentos e pesquisas que realizei acerca do tema do espetáculo

Espetáculo: COMMEDIA DELL ARTE NA ALDEIA GLOBAL

A commedia dell'Arte está na origem de todos os gêneros teatrais ocidentais. Forma de teatro popular que surge na Itália em meados do século XV e se desenvolve posteriormente na França. Suas apresentações eram realizadas nas ruas e praças públicas. As companhias eram itinerantes e ao chegarem numa cidade, pediam permissão para se apresentar nas suas carroças ou em pequenos palcos improvisados. Foi a commedia dell'Arte que deu origem aos personagens, a crítica social, ao questionamento e ao riso de nós mesmos. Ela é atualíssima como forma de divertimento, aprendizagem e reflexão sobre os costumes e crenças humanas.

“Aldeia global” é a expressão cunhada por Herbert Marshall McLuhan, professor na Escola de Comunicações da Universidade de Toronto, na década de 60. Corresponde a uma nova visão do mundo, possível através do desenvolvimento das modernas tecnologias de informação e de comunicação. Tais desenvolvimentos contribuiriam para abolir as separações geográficas, as consequências bélicas e todos os demais malefícios do conceito arraigado de nacionalidade, de forma a fazer com que as pessoas se sintam “cidadãos do mundo”.

Caxias do Sul é uma cidade criada por imigrantes. Inicialmente, e principalmente, por imigrantes italianos, chegados ao final dos 1800. Mas outros também vieram e também aqui muito trabalharam: portugueses, alemães, suíços, entre tantos. A condição de “imigrante” é bem conhecida dos caxienses. As histórias familiares estão repletas de episódios em que os avós foram discriminados, sofreram, mas também se alegraram com as conquistas que pouco a pouco foram obtendo.

Hoje Caxias presencia uma nova onda de imigração: haitianos, senegaleses e outros chegam todos os dias. Hoje os descendentes de italianos são os “antigos”, os “donos da terra”. Os imigrantes são outros. Será que a população se dá conta dessa realidade a ponto de não sentir preconceito contra eles?

Essas breves considerações iniciais são feitas para colocar a intenção do espetáculo que está sendo proposto: através da commedia dell'Arte, oportunizar que adultos e crianças percebam, se divirtam e, talvez, evitem as situações ridículas, injustas e cruéis a que o preconceito muitas vezes leva. E uma maneira eficiente de aprender é com alegria.

Dirigido e orientado pelo italiano Adriano Iurissevich, ator, diretor, escritor, músico e especialista em commedia dell'Arte. Desde 1996 dirige, todos os anos, em Veneza, em agosto, um *Laboratório Internacional de Commedia dell'Arte*.

Um espetáculo alegre, colorido e ágil, como é a commedia dell'Arte, e que, brincando, nos ensinará a ser mais tolerantes para com nossos companheiros de planeta, nossa casa comum.

Tem o objetivo de oportunizar a reflexão a respeito da tolerância para com nossos irmãos, os imigrantes.

Zanni – A Máscara do Migrante

Zanni, um servo, que sai das montanhas do norte da Itália no século XVI em busca de sobrevivência, comida e trabalho é uma máscara presente na Commedia dell'Arte e o elegemos protagonista do espetáculo. Zanni é o protótipo da migração como comenta Adriano Iurissevich e a partir dele segui minha pesquisa para a construção deste personagem. Em 2014 encontrei na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na disciplina de Metodologia do Ensino do Teatro, o professor Roberto Mesac Silveira Junior que me apresentou a sua tese de Doutorado chamada *A Travessia que mancha o corpo: imagens da imigração e a educação transitória* e nela tive um encontro potente de descobertas acerca do migrante e as suas circunstâncias conforme Mesac descreve em sua própria experiência como migrante:

...Fui um imigrante durante seis anos na Europa. Nessa Condição percorri alguns países daquele continente realizando diversos trabalhos que me garantiram a subsistência. Nos primeiros anos como imigrante ilegal, fui detido algumas vezes pela polícia de imigração, o que me trouxe dissabores e preocupações, pois não queria voltar ao meu país onde tinha deixado para trás uma falência econômica, subempregos, e um casamento desfeito. (SILVEIRA JR., 2008, pág. 09).

Neste momento eu percebi que estava diante de alguém que conhecia a realidade da qual eu procurava dialogar na cena e como uma descoberta de pequenos e preciosos tesouros fui escavando a tese de doutorado do Mesac e percorrendo pelas suas páginas as imagens evocadas pela sua escrita. Esbocei algumas páginas deste encontro para poder pensar o personagem *Zanni*

Registros que Evocaram as Cenas do Espetáculo Travessia:

02/08/15

Commedia dell'Arte na Aldeia Global

a exigência de um constante retorno, e uma expansão igualmente constante.

círculos concêntricos espiralados: fronteiras do ser / momentos das energias do ser

↳ Fábulo

ZANVI

↳ Ponto que deseja

o que more chegar:

evolução da fórmula

↳ forma - fome

desejo

família

motor do coração - paixão

momento no tempo

imagens evocadas

num pensar poético

Pág 6.

Nos conectamos com a intenção de sentir poeticamente o sonho dos imigrantes dos migrantes e de nós mesmos quanto à nossa existência. Saímos do nosso tempo limitado aqui na terra, quando percebemos nossa transitoriedade, passagem por aqui, reconhecemos o planeta como uma casa de um amigo, onde namos, somos acolhidos, compartilhamos o alimento, comensamos, criamos afeto, amor.

enfim, tudo o que há quando em paz,
mas compreendemos as ações, necessi-
dades, organizações ^{serem respeitadas} pois afinal a
casa, de criação é nossa, mas
pertence ao amigo.

Fabio L. L. L.

Zanni

Ele representa, no espaço e no mundo humano
o movimento, a passagem, a mudança de
estado, as transições, os contatos entre elemen-
tos estranhos

↳ Vernant como território

Paisagens L. iminoras

↳ da fronteira

da nova pátria

da nova cidade do migrante

toda coisa imprime um tempo, um movimento e
uma duração.

Devaneio próprio da imaginação poética

Devaneio é um pensar memória, um pensar
em constante movimento

eloquência de Zanni, empolgação que gera
a criação de novos mundos, onde estes,
terão tudo o que é de melhor.

03/08/15

Homens: Reside também na entrada das cidades, nas fronteiras dos Estados, nas encruzilhadas, ... Em todos os lugares em que os homens, deixando sua moradia privada, reúnem-se.

Paisagem de uma razão sensível (Michel Haffner) que considera as situações humanas "naquilo que elas têm de efêmero de sombrio, de equívoco, mas também de grandioso"

Temêmentos humanos impregnados de afetos e ruínas

O devaneio é a forma de pensar a Transição

Identidade de quem não está em casa e se desloca por esses lugares de passagem (Hall)

Pág 4 ↑

Imagem atarefada das manchas, estigmas, cicatrizes deixadas no corpo e na alma de quem viaja.

falsas histórias pessoais incorporadas para suprir uma necessidade fundamental, tal como a fome.

ameaça constante de peluza.

Planos para o futuro

Trabalho de imigração, imigrantes, sai da esfera pessoal e atinge a esfera política, ideológica.

Os que nos internam aqui são aqueles que, por outro lado, ainda parariam por barbações, pois exageram pequenos sucessos, inventados ou não, que namam como os seus maiores tesouros.

Um imigrante não tem parado, pode inventar-se ou reinventar-se à vontade.

A síndrome de Ulisses

Páig 23 - Diário Pessoal - Entre 1994.

Tempo: lugar / ações / leis

Morimundo: o que gera

Forme de vida: como seria possível como a vida

A partir da evocação destas imagens e do pensar a travessia dos migrantes nos debruçamos, eu, Felipe Mello e Adriano Iurissevich para a escrita da dramaturgia e durante o processo de construção pensávamos o corpo, seus estados e ritmos.

Dramaturgia – Travessia | Uma Commedia Trágica

PRÓLOGO DE DEUS

(Deus entra até o meio do palco e inicia a fala)

Personagem: Deus | Estado de ânimo: serenidade | Corpo do ator: coluna alongada, leveza na caminhada e nos movimentos.

DEUS: Boa noite. Eu sou Deus... Surpresos? Não acreditam em mim?

(Deus veste a barba, peruca e também um triângulo com o olho no meio).

DEUS: Estou aqui para lhes recontar uma história. Começa com: e se fez a luz, primeiro dia, segundo dia... No sétimo repouso... É, estava cansado. Adão, Eva, o jardim, a serpente, o melão... Sim, melão. Porque foi um melão e não uma maçã. Erro de tradução. Enfim, Cain e Abel... Este é o ponto. Dizem por aí que Cain, o agricultor Cain, matou Abel, o pastor. Mas isso não aconteceu bem assim. Depois de ter se apossado das terras, Cain fincou uma placa dizendo: "Proibido acesso, propriedade privada." E quando Cain estava prestes a apunhalar o irmão Abel, o pastor, o nômade que só queria circular livremente, pastoreando suas cabras, sem fronteiras, cercas ou defesas... Eu parei a mão de Cain, mas não pude fazer nada contra este cartel dos Cains que desde então satura a terra de confins, cercas, muros, fronteiras, arames farpados, exércitos de defesa e ataques. Deixando os Abeis do mundo em eterno movimento para tentar sobreviver.

(Deus aponta para Zanni, ele sai das coxias e inicia uma caminhada cansada. Deus sai de cena. Zanni pouco a pouco começa a correr, o ritmo aumenta junto com a voz, a velocidade das perguntas e respostas aumenta até Zanni correr)

CENA INICIAL DA FUGA DO ZANNI

Personagem: Interrogador | Estado de ânimo da voz: desconfiança

Personagem: Zanni | Estado de ânimo: Fome | Corpo do ator: coluna alongada (na cena inicial/ ao longo da caminhada inicial o peso do ator cai sobre a coluna)

INTERROGADOR: Quem é?

ZANNI: Fome!

INTERROGADOR: O que faz?

ZANNI: Fome!

INTERROGADOR: De onde vem?

ZANNI: Fome!

INTERROGADOR: Aonde vai?

ZANNI: Fome!

INTERROGADOR: Quem é?

ZANNI: Medo!

INTERROGADOR: O que faz?

ZANNI: Medo!

INTERROGADOR: De onde vem?

ZANNI: Medo!

INTERROGADOR: Aonde vai?

ZANNI: Medo!

(A estrutura acima é repetida quatro vezes, de forma progressiva. Zanni inicia uma caminhada cansada, aumenta a velocidade da caminhada juntamente com o volume e os questionamentos)

INTERROGADOR: O que faz?

ZANNI: Fujo!

INTERROGADOR: De onde?

ZANNI: Do país do tudo ou nada, do reino de quem se importa, de terras obscuras... do mar azul de Porto Príncipe, das margens do rio Niger, das ruelas de Damasco, das portas de Jerusalem, floresta negra, do monte Fuji, delle montagne della Bergamasca. *A per che dun porcelet, e de una tróia, el nasci el codeguin, del codeguin, Ravanel, de Ravanel, Ravanelet, De Ravanelet..*

INTERROGADOR: Zanni?!

ZANNI: Sim!

INTERROGADOR: O que faz?

ZANNI: Fujo!

INTERROGADOR: Do que?

ZANNI: Miséria, abusos, sofrimentos, guerras, morte.

INTERROGADOR: Desde quando?

ZANNI: Desde sempre!

(Zanni coloca a máscara e recita um monólogo de 1500 e assume outra postura corporal com base aberta, peso distribuído nas duas pernas, ombros largos, resistência do ar no deslocamento, elemento terra).

ZANNI: A perche, anca mi a son della Valada della Merda Basca, della casada dei troiani, Zentil uom, mercadant, citadin, signor, uom, grand, gross e bem fat, bel, polite, galant del dulce sangue de troia.

(Zanni reinicia a correr no lugar, segundos depois reage aos obstáculos colocados pelo Interrogador).

INTERROGADOR: Cachorro... Cuidado! Foço! Muro! Estrada! Carros! Pessoas! Documento! Endereço! Farol! Penhasco! Trilha! Cobras! Montanha! Deserto! Rio!

... A delicadeza teórica reside na finíssima rede que se estende entra a travessia “real” (o fenômeno social, geo-político, demográfico, psicológico) e a travessia imaginada (representada em imagens da migração e presente e na imaginação do migrante).
(SILVEIRA JÚNIOR, 2008, pág. 09)

(Zanni corre, para, olha para um lado, segue uma direção, percebe que não é por aí. Olha para outro lado, protege-se fechando o corpo. Levanta a cabeça, olha outra direção e caminha com cuidado. Recebe um golpe nas costas | corpo reage ao golpe invisível | Volta-se para outra direção e encontra um cabo do exército).

CENA ENTRE ZANNI E CABO DO EXÉRCITO

Personagem: Cabo do Exército | Estado de ânimo: Soberba | Corpo do ator: coluna alongada.

CABO: O que quer?

ZANNI: Um pão!

CABO: Ou dois?

ZANNI: Ou dois!

CABO: Aqui não se presenteia nada.

ZANNI: Mas eu posso trabalhar!

CABO: Ganhará quinze centavos por caixa, e cheias. O Trabalho começa ao nascer do sol e se acaba ao por do sol. O colchonete custa 10 caixas. O chapéu quem compra é tu. Não se fala com os colegas. *Mijar* duas vezes ao dia.

ZANNI: (Faz gestos de matar mosquitos)

CABO: Logo te acostuma com os mosquitos. O que têm na bolsa?

ZANNI: Nada

CABO: Como nada?

ZANNI: Um pedacinho de tijolo.

CABO: Passa para cá!

ZANNI: Mas...

CABO: Aqui não têm “mas”!

ZANNI: Mas esse eu...

CABO: Aqui não têm “mas”!

ZANNI: Mas esse eu não po...

CABO: Aqui não têm “mas”!

(Zanni retorna o olhar para o horizonte, na direção do público e começa a correr, no lugar).

INTERROGADOR: Cachorro... Cuidado! Foço! Muro! Estrada! Carros! Pessoas! Documento!

CENA XAMÃ E ZANNI

Personagem: Xamã | Estado de ânimo: Sabedoria | Corpo do ator: base bem aberta, coluna reta inclinada para frente, braços abertos como uma ave que voa.

XAMÃ: O que faz na floresta? Esse não é o teu mundo!

ZANNI: Estou perdido... Sempre fugindo me perdi, não sei mais onde estou de onde venho, quem sou?

XAMÃ: Todos assim, vocês homens brancos, não sabem mais de nada, Tu é Zanni...

ZANNI: E tu como sabe?

XAMÃ: O vento me disse!

ZANNI: O vento fala?

XAMÃ: Entre nós sim e também as árvores, o rio, o fogo e as borboletas.

XAMÃ: Caminha
sempre reto!
Alguma coisa
encontrará...

ZANNI: Mas aqui
só têm mar?!

...A imaginação poética
das paisagens liminares,
da fronteira, da nova
pátria, da nova cidade do
migrante. Novos lugares
que não são mais os seus,
mas que eles se
acostumam a eles, ou
talvez, se acostumam a
não se acostumar a eles a
ponto de torna-los seus.
(SILVEIRA JÚNIOR,
2008, pág. 06).

ZANNI: Verdade?

(Xamã oferece uma fruta ao Zanni)

ZANNI: Obrigado, o que é?

XAMÃ: Um presente da floresta

(Xamã oferece algo para beber em um cantil)

ZANNI: E isso?

XAMÃ: Um presente do céu.

ZANNI: Que lindo... mas aqui tudo é presente! E um prato de polenta e salame?

(Xamã reage indo embora)

ZANNI: mas não trabalham?

XAMÃ: certo que sim, o necessário!

ZANNI: E pagam bem?

(Xamã dá as costas novamente)

ZANNI: Como faço para mandar dinheiro para casa?

XAMÃ: Adeus homem branco, boa fortuna!

ZANNI: Espera, tu quem è?

XAMÃ: Eu? Eu sou o cheiro da chuva, a terra fértil que tudo aflora, o nascer da aurora, sou semente que brota. Adeus homem branco...

ZANNI: Espera, mas onde tenho que ir?

XAMÃ: Caminha sempre reto. Alguma coisa encontrará!

ZANNI: Mas aqui só têm mar?!

XAMÃ: Sempre têm alguma coisa.

(Zanni começa a nadar)

CENA DO ZANNI ENCONTRANDO OUTRO ZANNI NO MAR

Personagem: ZANNI 2 | Estado de ânimo: Reflexivo | Corpo do ator: base aberta, movimento incessante de nadar com ondulações na coluna, nos braços e no peso.

ZANNI: O mar...!! Nada Zanni! Nada Zanni!!

(Zanni está nadando e aparece o Zanni 2 no meio do oceano)

ZANNI: Eu preciso de ajuda!

ZANNI 2: E quem não está precisando de ajuda neste mundo?! Abençoado! Está fugindo pra onde? Graças a Deus?

ZANNI: Pra lá (aponta)

ZANNI2: (começa a rir).

ZANNI: Qual a graça?

ZANNI 2: É que você está indo para o lugar que eu acabei de fugir.

ZANNI: E porque tu foge de lá?

ZANNI 2: Eu estava vendendo minhas verduras na feira, chegou a policia, me encheram de paulada e não tenho o que dar pros meus filhos comerem.

(silêncio)

ZANNI: Eu gostava tanto de vir pro mar com a minha mulher.

ZANNI 2: Eu gosto mesmo é da serra, sabe?! Mas eu vinha com a minha mulher pro mar também.

ZANNI: E de noite dançar uma música ao vivo!

Zanni 2: É mesmo! E que música vocês dançavam?

(Zanni começa a cantar)

ZANNI:
Se il mare fosse un Tocio lari lará
Um monte de polenta lari lara
oh mama che tociade, polenta e bacalá
perche non mi ami piú

ZANNI 2: Ah.. legal... mas musica boa é essa:

Fatuiê Senenelalu Fatuiê –
Fatuiê Senenelalu Fatuiê
Fatuiê, Faiefatu, Fatuiê Faiefatu, Fatuiê, Senenelalu

ZANNI: Mas música boa mesmo é éssa!

Sapore di sale,
Sapore di mare!

ZANNI 2: E, tu não acha que já tem sal e mar demais aqui?

(Zanni se afasta, Zanni 2 começa a cantar. Dançam no mar)

ZANNI 2:

Ô, marinheiro marinheiro
Ô, quem te ensinou a nadar
Ou foi o tombo do navio

ZANNI: Ou foi o balanço do mar!

ZANNI e ZANNI 2:

Lá vem, lá vem
Como ele vem faceiro
Todo de branco
Com o seu bonezinho

(finalizam o canto e a dança, retornam ao movimento do mar).

ZANNI 2: Eu estava em um bote com outros tantos. Disseram-me que era seguro e eu paguei com tudo o que tinha.

ZANNI: Quantas boias?

ZANNI 2: Cinco.

ZANNI: E como decidiram?

ZANNI 2: Crianças e idosos...

ZANNI: Foram os primeiros?

ZANNI 2: Exato! Afogaram-se rápido.

ZANNI: Mesmo assim sobraram muitos.

ZANNI 2: O negociante matou os fortes na disputa por uma boia.

ZANNI: Uma boia a menos.

ZANNI 2: É abençoado... Eu preferia que tivesse tido só idosos e crianças naquele barco.

ZANNI: Sem dúvidas!

ZANNI 2: Bom, no fim só sobraram 2 pra cada boia, ai eu briguei pela minha com meu irmão. Minha força foi tão grande que acabei perdendo ele e a boia.

(Silêncio)

ZANNI 2: Sabe que eu estava nadando sozinho à um tempão, mas ai tu apareceu abençoado! Graças a Deus!!!

(Ao centro do palco desce uma boia. Os dois nadam até a boia e se inicia a disputa)

ZANNI: É meu!

Zanni 2: Não! É meu!

ZANNI: Desgraçado!

ZANNI 2: Vagabundo!

ZANNI: Sem vergogonha!

ZANNI 2: Miserável!

ZANNI: Favelado!

ZANNI 2: Italiano mafioso! (empurra a cabeça do Zanni para baixo)

ZANNI: Alemão batata! (empurra a cabeça do Zanni 2 para baixo)

ZANNI 2: Negro Porco!

ZANNI: Nordesteiro burro!

ZANNI 2: Índio preguiçoso!

ZANNI: Não, péra lá! Eu trabalho pra caramba, pegou pesado!

...Me aproximo da imagem através das manchas, estigmas, cicatrizes, deixadas no corpo e na alma de quem atravessa. (Silveira, Júnior, 2008, Pág. 08).

ZANNI 2: É verdade... desculpa.

(Pequena pausa)

ZANNI: Muçulmano!

ZANNI 2: Terrorista!

ZANNI: Paraguaio! Judeu! Maconheiro!

ZANNI 2: Viado! Puto! Travesti!

ZANNI: Puta! Gorda! Mulher! Anorexica!

ZANNI 2: Histérica! Fraca! Ninfomaníaca! Feminista!

ZANNI E ZANNI 2: Refugiado!

ZANNI E ZANNI 2: Sem pátria!

ZANNI E ZANNI 2: Fugitivo

ZANNI E ZANNI 2: Sem teto!

ZANNI E ZANNI 2: Sem terra!

ZANNI E ZANNI 2: A deriva!

ZANNI E ZANNI 2: Naufrago!

ZANNI 2: Sim! E esse é meu! Graças a Deus!

(Zanni 2 pega a boia e sai).

(Zanni se afoga. Afunda lentamente e após estar totalmente submerso percebe que consegue respirar).

CENA NO FUNDO DO MAR

(Zanni chega no fundo do mar. Uma medusa se aproxima de Zanni. A medusa é um objeto animado, sua estrutura é uma armação de abajur com pano)

ZANNI: Senhora? Senhora? Senhora desculpe...

MEDUSA: Como ousa dirigir a palavra? Não sabe quem sou?

ZANNI: Perdão, acabei de chegar e não conheço nada.

MEDUSA: A não me reconhece?

ZANNI: Sinceramente não!

MEDUSA: Sou uma celebridade, não viu o último episódio de um lugar ao sol, onde interpreto o papel de Deborah!

ZANNI

Um lugar ao sol, eu!

MEDUSA: Mas passa também na China e na Lapônia!

ZANNI: Nunca estive por lá! É bonito?

MEDUSA: Mas o senhor onde vive?

ZANNI: Mais que onde me pergunto como?

(Passa o peixe do Rio Doce. Referência a tragédia de Mariana).

ZANNI: E aquilo, o que é?

MEDUSA: Esse é um drogado! Meu Deus! Tenho um vernissage, estou atrasada, vão me notar mais se eu for ou se eu não for. O que acha?

ZANNI: Saberá me dizer se lá terá algo para comer?

MEDUSA: Mas que cafona, chulezento, ignorante, direi aos meus seguranças...

ZANNI: Mas o que é isso? Desculpa se te ofendi!

(Zanni sai de cena)

CENA DO PEIXE PRETO E PEIXE BRANCO.

(Entram dois peixes, objetos animados, que nadam lado a lado se xingando).

...Coisa impossível é estar inteirado dos códigos estéticos predominantes, dos modos de se comunicar mais usuais e atuais, dos comportamentos mais consoantes, quando a cabeça está regida pela dinâmica do trabalho, pela precariedade financeira e pela ameaça constante da pobreza. (SILVEIRA JÚNIOR, 2008, pág. 10).

PEIXE BRANCO: Negro!

PEIXE NEGRO: Branco!

PEIXE BRANCO: Negro!

PEIXE NEGRO: Branco!

PEIXE NEGRO: Negro!

PEIXE NEGRO: Branco!

PEIXE BRANCO: Negro!

PEIXE NEGRO: Branco!

(Os dois peixes saem)

CENA DO PEIXE GRANDE E PEIXE PEQUENO

(Entram outros dois peixes. Um de cada lado da cena. Encontram-se no centro da cena)

.

PEIXE GRANDE: Sai da frente!

PEIXE PEQUENO: Sai você!

PEIXE GRANDE: Eu sou maior!

PEIXE PEQUENO: Eu sou mais rápido! Veja como sou rápido!

PEIXE GRANDE: Eu sou maior!

PEIXE PEQUENO: Eu sou mais bonito! Veja só minhas cores! Que lindas!

PEIXE GRANDE: Eu sou maior!

PEIXE PEQUENO: Mas eu sou mais inteligente! Veja só como eu sou inteligente!!

(Peixe grande come o pequeno, arrota e fala)

PEIXE GRANDE: Eu falei que era maior. Esses pequenos! Quando vão entender como funciona o mundo!

CENA DO ENCONTRO DO PEIXE PASTOR E ZANNI

(Entra o Peixe Pastor cantando músicas religiosas, também é um objeto animado. Zanni entra seguindo o Peixe Pastor)

PEIXE PASTOR E SEU REBANHO: Te amarei senhor. (cantando)

ZANNI: Com licença, o senhor sabe aonde eu posso encontrar...

PEIXE PASTOR E SEU REBANHO: O nosso encontro será abençoado, pois o senhor vai derramar o seu amor... Derrama senhor, derrama senhor, derrama sobre nós o seu amor. (cantando)

ZANNI: Não! Eu estou procurando um caminho...

PEIXE PASTOR E SEU REBANHO: O caminho é Jesus, é Jesus, é Jesus.

ZANNI: Não! Eu só quero comer!!!

PEIXE PASTOR E SEU REBANHO: O alimento é o pão do senhor. (cantando)

ZANNI: Mas antes do espírito eu preciso alimentar o corpo.

PEIXE PASTOR: Tu não aceita Deus?

ZANNI: Eu não falei isso! É que eu necessito comer!!!

PEIXE PASTOR: Tu é homossexual?! Deus não gosta!

ZANNI: Não, não é isso. Vocês comem não?

PEIXE PASTOR E SEU REBANHO: Claro que sim, e muito! (rindo)

ZANNI: Eu posso me juntar com vocês...

PEIXE PASTOR: Tem mastercard?

ZANNI: Não.

PEIXE PASTOR: Visa?

ZANNI: Não.

PEIXE PASTOR: American Express?

ZANNI: Não.

PEIXE PASTOR: Diners?

ZANNI: Não. Eu tenho fome!

PEIXE PASTOR: Os famintos não nos interessam. (cantando) O nosso encontro será abençoado, pois o senhor vai derramar o seu amor... Derrama senhor, derrama senhor, derrama sobre nós o seu amor.

CENA DO ZANNI E IEMANJÁ

(Zanni vai até o centro do palco, pega seu amuleto que está na bolsa. Duas mulheres com vestidos azuis entram cantando uma música para Iemanjá. Zanni aproxima o amuleto ao seu peito).

DUAS MULHERES:

Mãe d'água rainha das ondas seria do mar (2x)
Mãe d'água teu canto é bonito quando têm luar
Como é lindo o canto de Iemanjá
Faz até o pescador chorar
Quem escuta a mãe d'água cantar
Vai com ela pro fundo do mar

(As mulheres, com vestidos longos azuis, carregam nos braços parte do vestido, gesto de carregar um bebê no colo, elas colocam no chão e os elevam olhando para cima enquanto cantam. Inicia uma coreografia ao redor do Zanni).

ZANNI: Salve Estrela do Mar, Deusa poderosíssima, mãe e advogada de todos os que navegam no mar agitado da vida! Seja nossa guia, seja nosso farol, seja sempre nossa brilhante estrela divina que nos orienta, a fim de que nunca pereçamos nem nos falte rumo da rota segura que nos fará desviar dos escolhos do mar agitado da vida material.

(Zanni guarda seu amuleto na bolsa e parte, porém escuta um som e permanece em cena)

CENA DO ZANNI ENCONTRANDO O SEU AVÔ

Personagem: NONNO | Estado de ânimo: Irônico | Corpo do ator: os pés paralelos e próximos, coluna curvada, quadril para frente.

(Zanni encontra-se com o seu Nonno embaixo do mar. O Nonno entra em cena puxando um baú, sobre o baú está um rádio que transmite notícias sobre o mundo, as estações são em várias línguas, ouve-se: sons de guerra, discursos xenófobos falados por políticos brasileiros, sons de sexo, vinhetas de jornais televisivos. Todas as notícias podem ser acrescentadas conforme o contexto político e social contemporâneo)

ZANNI: Nono! Então é aqui que tu veio parar?

NONNO: Zanni! *Que fai quá!*

ZANNI: Estava atravessando o oceano fugindo de um cachorro...

NONNO: *Zanni, come ti sei fato grande! E mamá e papá?*

ZANNI: A mama caiu num poço!

NONNO: *Poareta, fia mia...sempre distraíta*

ZANNI: Nós choramos tanto quando ficamos sabendo do naufrágio, Nono

NONNO: *É passato tanto tempo...*

ZANNI: Mas estou vendo que você está muito bem aqui.

NONNO: *Modesto.*

ZANNI: Ma podia ter enviado uma carta de vez enquanto.

NONNO: Aqui o correio não funciona muito bem! *Questa é tuto el to bagagio?*

ZANNI: Sim.

NONNO: *O que ta dentro?*

(Zanni tira da bolsa um pedaço de tijolo).

NONO: Cosa é?

ZANNI: Um pedaço de Tijolo.

NONNO: Eu sei que é um pedaço de tijolo!

ZANNI: Foi tudo o que sobrou da minha casa.

NONNO: *Romantico, patético.*

ZANNI: Vamos embora Nono!

NONNO: *nó, questa é la mia casa!*

ZANNI: Mas nonno, tu vai ficar aqui sozinho!

NONNO: *Que sozinho, to cheio de amigos: logo ali embaixo tem os haitianos... ali em cima perto dos corais, os senegalesi... Atras da rocha.. uma familia de Sírios, recém chegados. Me regalaram até este rádio... têm um pouco problema de sintonia.*

ZANNI: Vamos embora nonno!

NONNO: *No! non venho! (pensa) I mêga dito que non gue zé pi le luciole e nem le meia estacione.*

ZANNI: O que são *luciole*?

NONNO: *Quele con la lutche intel cul.*

ZANNI: Ahhh, vagalume Nono.

NONNO: *Si, si, pó... Justo quêl!*

ZANNI: Vamos!

NONNO: E doppo que la gente é ruim. E que non se parla piu! E cada uno olha só o seu umbigo!

ZANNI: Mas não Nono!

(Zanni tenta convencer o Nonno com mentiras)

ZANNI: Hoje todos tem o que comer, não tem mais doenças, tem remédios para todo o mundo, educação de qualidade, segurança, as pessoas votam para decidir o futuro delas cada um pode dizer aquilo que quer.

(Zanni termina sua fala pouco convencido).

NONNO: Al modo que ninguem escuta!

ZANNI: Vamos nonno!

NONNO: *Olha, com ti no venho! É inútele insistir!*

ZANNI: Vamos embora nonno!

NONNO: *Vedi...Jovene de hoje som violenti... sem vontade, preguiçoso! Al mio tempo se non tinha a mula era io que girava o moinho... sei coza que faria pra indireitá vocês! La cura con bastone!*

ZANNI: Mas que mania... vamos Nonno?

NONNO: *Nó*

ZANNI: Vamos!

NONNO: *Nó!*

ZANNI: *Sí*

NONNO: *Nó*

ZANNI: *Sí*

NONNO: *Nó*

ZANNI: *Nó*

NONNO: *Sí*

ZANNI: Vamos!

NONNO: (percebe que se enganou)

NONNO: *Nó! Non tem mais paz nem no fondo dell' oceano! E non parla a ninguém que me viu per qua! Que doppo organizam viajje da Disney. Ah! Un bajo a la Nona!*

ZANNI: Nonno?

NONNO: *Zanni!*

ZANNI: Eu fico aqui contigo Nono!

NONNO: *Que se ferma qua come!!! Nó! Son mi que so morto, no ti!*

ZANNI: Ah... Eu não to morto?! Então eu to vivo?! Eu tô vivo! Eu tô vivo! Eu tô vivo!

(Zanni percebe que não consegue respirar embaixo do mar e começa a nadar em direção a superfície)

CENA DO ZANNI PEDINTE

ZANNI: Senhoras e senhores, vocês estão vendo um ser invisível, se vocês estão vendo.. ótimo! Afortunados!

Caiu um avião na cabeça do meu pai e minha mãe foi comida por uma serpente.

Meus filhos me esperam no hospital.

Senhor bel polite galant. Perdão, não sou senhor, nem polite, nem galant, mas tenho uma doença forte... bem forte e posso morrer entre hoje e amanhã.

...Um imigrante não tem passado, pode inventá-lo ou reinventá-lo à vontade. (SILVEIRA JÚNIOR, 2008, pág. 19).

Abidul e Abdalina mais de 3 meses sem comer uma galinha... um porco faz muito mais... uma vaca nem se fala.

Um trabalho eu procuro, não quero ser pedinte. Sou filho de senhor, estudos e contatos. Posso limpar os teus sapatos?

(Zanni dorme)

CENA DO SONHO DE ZANNI

(Xamã aparece no sonho do Zanni)

XAMÃ: Zanni? Zanni? Zanni!

ZANNI: Aurora! O que faz em meu sonho!

XAMÃ: Estava te observando! O que procuras?

ZANNI: Quase nada, um pão ou dois!

XAMÃ: E depois que o pão terminar

ZANNI: Um pedaço de terra para que eu possa plantar o trigo e criar as minhas galinhas. Seria bom... Teria uma fazenda, só para mim. Não, pra minha família toda! Sim! Criaríamos porcos também, vacas quem sabe? Tomates e milho! Sim, milhos!

XAMÃ: Bom... aí a fazenda iria crescer e precisaria de um trator! Uma casa de dois pisos, um banheiro! Dois ou três? Melhor termos quatro! Um carrão, ou dois. Três Televisores. Uma conta no banco, alguém para cuidar do dinheiro. E férias, por que não? Caribe Talvez? Não! Iha de páscoa. Um barco... sim! Um barco! Como na televisão! Ai seria livre, não?

ZANNI: Porque não? Eu sou uma boa pessoa.

XAMÃ: E quando todos tiverem o que desejam?

ZANNI: Todos Felizes

XAMÃ: Dorme Zanni, dorme... Sonha!

(Zanni adormece novamente e deita-se no chão)

CENADO DO CAPITÃO ENCONTRANDO ZANNI

Personagem: Capitão | Estado de ânimo: Orgulhoso | Corpo do ator: coluna alongada, peito estufado e movimentos retos.

CAPITÃO: Ora, pois, pois, pois... Pois! Eu sou o capitão Fronteira! Sou forte, alto, esbelto, macio, cheiroso, por vezes delicioso, com uma pitada de quero mais! Mulheres: estou solteiro e calço 44. Grandíssimo desbravador, filho do terremoto, neto do maremoto, e bisneto da erupção vulcânica. (faz golpes no ar). Ao levantar a minha espada, afugentei Godos, Visigodos, Mouros e Mongóis! E com um só golpe derrubei a torre de Babel, o Colosso de Rhodes e o muro de Berlin! Mas a minha recordação mais querida que toca o meu coração, foi aquele dia 12 de outubro de 1492, quando saímos do porto de Palos com La Pinta, La Niña e La Santa Maria. Disse ao meu biógrafo Cristovão: Colombo, me passa uma cerveja pois a viagem vai ser longa e chata! Em diversos momentos tive que assoprar as velas para acelerar o caminho, depois de três meses, encontramos uma ilha, que chamei de São Salvador em minha honra e minha glória. Começamos a conquista das Américas. Com minha poderosa espada demarquei confins: Argentina, Chile, Colômbia, Venezuela... E com a benção do papa Pio IV tive que invalidar alguns milhões de seres nus, sem Deus e sem alma... e estúpidos porque em troca de ouro lhes presenteei chumbo... e um pouco de vírus! (Capitão espirra) Massacre! E assim apaguei Maias, Incas, Astecas, Guaranis e finalmente o terreno estava pronto, limpo para o nosso Rei de Portugal expandir a maravilhosa cultura europeia. Hoje depois de tantas empreitadas e aventuras me colocaram a vigiar a fronteira, barrando muambeiros, ontem mesmo, chegou um imigrante que disse ser poliglota, com formação acadêmica, onde já se viu?... Mas de vez em quando ocorre uma manifestação. Ah como gosto! Correr com os cavalos, praticar arremesso de bomba de gás, trocar ideias com manifestantes e descer o cacete.

(Capitão enxerga Zanni dormindo e se direciona até ele. Capitão chuta Zanni).

CAPITÃO: Ei! Fedorento! fedido! o que estas a fazer?

ZANNI: O que é isso?

CAPITÃO: Estais a dormiire?

ZANNI: Sim, é que...

CAPITÃO: Estas a me retrucaire?

ZANNI: Não, eu não...

CAPITÃO: Estas a pensando em me chingaire?

ZANNI: Não... Eu não estava pensando...

CAPITÃO: Documentos! Passa para cá!

(Zanni vai à direção do Capitão. Capitão grita!)

CAPITÃO: Ei! Não estais vendo a linha da fronteira? Jogue para cá o documento.

(Zanni joga o documento).

CAPITÃO: O que temos aqui...

ZANNI: É uma carta de recomendação da paróquia...

CAPITÃO: Eu estou a te perguntar algo?

(Zanni faz um sinal de negativo).

CAPITÃO: Este rapaz é educado, de boa filiação, frequentador das ações da paróquia, ajuda os menos necessitados, é trabalhador e honesto. Esses imigrantes não têm mais o que inventar.. outro dia chegou um aqui que dizia falar quatro línguas, com doutorado, três tipos de formação.

ZANNI: Toma cuidado porque isso é tudo o que tenho.

CAPITÃO: É tudo o que tem é?

(Capitão rasga a carta)

CAPITÃO: Agora você não tem mais nada! Pronto! Está livre! Vai embora!

(Zanni faz menção em cruzar a fronteira e o Capitão se exalta com gestos e gritos. Zanni recua).

(Inicia-se um jogo da fronteira).

(Zanni cruza a fronteira sem o Capitão perceber)

(Zanni sai do palco por uma das laterais)

(Capitão percebe que Zanni cruzou a fronteira e corre atrás dele).

(Capitão volta para a cena com o Zanni de mãos amarradas).

CAPITÃO: Estavas a pensar que iria fugir do capitão fronteira. Agora será julgado pela lei.

Capitão: Documentos!
Passa para cá!

...Entre o sonho de uma vida melhor e a realidade das condições adversas, o imigrante boliviano, se debate no Brasil com a marca que lhe é imposta de migrante clandestino, ou seja, um “problema” de segurança de fronteiras para o país que o recebe. A sua presença, ao mesmo tempo em que atende a uma a uma demanda para a realização dos trabalhos indesejáveis, torna-se um incômodo, entregue à Polícia Federal, pois chegam em maior número que as cotas previstas, escapando ao controle do suprimento de mão de obra barata das políticas nacionais. (SILVEIRA JÚNIOR, 2008, pág. 34).

(Capitão prende Zanni no centro do palco e deixa uma maçã em sua cabeça e sai de cena)

CENA ZANNI E XAMÃ

(O xamã entra na cena, pega a maçã e alimenta Zanni. Sai).

CENNA DOTTORE E ZANNI

Personagem: Dottore | Estado de ânimo: Sabedoria (falsa sabedoria) | Corpo do ator: coluna alongada, pernas paralelas e juntas, bunda apertada, barriga para a frente, pescoço para trás.

(Entra Dottore em cena. Logo no início de sua caminhada tropeça).

DOTTORE: Ah! Tropecei. Se eu tivesse caído teria me machucado, se tivesse me machucado teria ido para cama, na cama chegaria o médico, me daria um medicamento, o medicamento se faz com as drogas, as drogas vem do oriente, do oriente vem os ventos, os ventos são quatro segundo o que diz Aristóteles, Aristóteles era mestre de Alexandre o grande, Alexandre “o grande” era dono do mundo, o mundo era sustentado por Atlanta, Atlanta tinha uma grande força, a força é pintada através das colunas, as colunas sustentam os palácios, e os palácios são feitos por pedreiros e os arquitetos dão o desenho, o desenho vem da pintura, a pintura é uma arte liberal, arte liberal são sete, sete foram os sábios da Grécia que se ocupavam da retórica.

(Dottore pega no sono).

ZANNI: Senhor? Senhor?

DOTTORE: Senhor, senhora e senhorita, pronome de tratamento que denota uma classe social pequena média alta burguesa de burgo, vila medieval, Estrasburgo, Friburgo, Edimburgo...

ZANNI: Senhor desculpa...

DOTTORE: Culpa, a culpa é tua, tua, tua, minha dele e dela, adjetivos possessivos. Ivo é o nome do meu vizinho de casa, a casa é um bem precioso, sobre tudo para os bancos e as empresas de construção.

ZANNI: Eu queria saber...

DOTTORE: Saber, o que gostaria de saber? O juízo de Paris, a desgraça das piranhas, a potência do amor, como cresce o campo, a virtude das ervas, folha, flor, fruto, semente, raiz, qual o tamanho do rio Amazonas, a extensão da cordilheira, qual o PIB do Brasil, quanto cunha colocou nos bolsos, quantos dólares cabe em uma cueca, quantas igrejas tem o Brasil, quantos Gols fez Pelé, de onde saíram os escravos, quantos morreram antes de chegar aqui...

ZANNI: Quero saber por estou aqui?!

DOTTORE: Ah... esta perguntando... essa é uma pergunta muito difícil e necessita de uma resposta clara... Quem é? Como se chama?

ZANNI: Gianni, Anji, Paul, Adama, Jorge, Youssef, Abel, Akira, Zanni.

DOTTORE: País de origem?

ZANNI: Terra

DOTTORE: Residência

ZANNI: Mundo

DOTTORE: Data de nascimento?

ZANNI: 30 de fevereiro de 01000

DOTTORE: Profissão?

ZANNI: Indigente

DOTTORE: Instrução?

ZANNI: Depende

DOTTORE: Marca de Nascimento?

ZANNI: Bolso vazio.

DOTTORE: Consulta Médica, de costas. Tussa!

(Zanni começa a tossir)

DOTTORE: Em português!

(Zanni tosse mais uma vez).

DOTTORE: Observação, paciente com sérios problemas de interpretar o idioma. Bom... diga trinta e três.

ZANNI: Trinta e três.

...E nos deparamos com a questão: qual o valor da sua identidade nacional quando o imigrante se vê obrigado a fugir de uma situação às vezes extremamente precária? Porque não é apenas a mão de obra do trabalhador que migra, migra a pessoa. O imigrante é um sujeito completo de que vem avizinhar-se a outros sujeitos. (SILVEIRA JÚNIOR, 2008, pág. 34).

DOTTORE: Quarenta e oito.

ZANNI: Quarenta e oito.

DOTTORE: Cinquenta e seis.

ZANNI: Cinquenta e seis.

DOTTORE: Raiz quadra de 4573?

ZANNI: Não sei.

DOTTORE: Ah! Grave Paciente em situação de risco. Endoscopia.

(Dottore pega uma faca falsa e começa a fazer uma operação. Zanni está de costas para o público)

Dottore: Coração! Ah! Têm um coração! Que bate...Impressionante!

(Dottore recoloca o coração no peito de Zanni e segue com a operação. Tira fora os intestinos de Zanni)

DOTTORE: Visceras, Vísceras e mais vísceras! Mas são muitas, por isto que está sempre com fome!

(Corta um pedaço do intestino e devolve o resto para Zanni)

DOTTORE: Investigação! O que veio fazer aqui no meu país?

ZANNI: Trabalhar, ter segurança.

DOTTORE: O que veio fazer aqui no meu país?

ZANNI: Guardar um pouco de dinheiro para enviar a minha família. Ou quem sabe eles venham para cá e possamos viver juntos por aqui.

(Dottore tira a máscara)

DOTTORE: O que veio fazer aqui no meu país?

ZANNI: Ser um fardo para o Estado Social, pegar uma vaga no SUS, trazer doenças, comer sua comida, roubar teu emprego, estuprar, e ser a escória da sociedade e do mundo.

DOTTORE: Por quê?

(Zanni tira a máscara)

ZANNI: Que outra coisa eu posso fazer?

DOTTORE: Fugir!

(Zanni começa a correr, no lugar. As luzes baixam e Zanni segue correndo).

(A luz se apaga)

FICHA TÉCNICA DO ESPETÁCULO

Direção: Adriano Iurissevich (Itália).

Dramaturgia: Adriano Iurissevich, Fábio Cuelli e Filipe Mello.

Elenco: Fábio Cuelli, Filipe Mello, Alexandre Borin, Camila Vergara, Carine Panigaz, Mariana Rosa.

Trilha Sonora: Ezequiel Duarte.

Iluminação: Israel Cabral.

Cenografia: Carine Panigaz, Douglas Trancoso e Giovana Mazzochi.

Figurino: Carine Panigaz.

Produção: Clerí Ana Pelizza.

Duração: 55min

Referências

FÉRAL, Josette. Encontros com Ariane Mnouchkine: erguendo um monumento ao efêmero / Josette Féral; tradução de Marcelo Gomes. – São Paulo: Editora Senac São Paulo: Edições SESC SP, 2010.

SILVEIRA JÚNIOR, Mesac Roberto. A travessia que mancha o corpo: imagens da imigração e educação transitória. Tese de doutorado. USP. São Paulo: 2008.